

Contra-memória e violação da imaginação: alegorias (supra)nacionais n'O eleito do sol de Arménio Vieira e n'A casa da água de Antônio Olinto¹

*Niyi Afolabi**

Só os rebeldes (ou os poetas) chegam à loucura.
O homem do povo se resigna, o artista se rebela.²

[Oswaldo Osório]

Decidi que ser poeta a sério
implicava uma espécie de suicídio.³

[Arménio Vieira]

Você situa-me muito em Cabo Verde
mas estou no mundo!⁴

[Arménio Vieira]

Abstract: Using Elisabeth Wesseling's *Writing history as a prophet* as a theoretical support, this comparative study between Arménio Vieira's *O eleito do sol* and Antonio Olinto's *A casa da água*, examines the similarities and contrasts between Capeverdean and Afro-Brazilian

* Tulane University, USA.

¹ Este artigo representa a versão ampliada da palestra proferida no Congresso Internacional sobre *As ilhas atlânticas: realidades e imaginário*, na Universidade de Rennes 2, Haute Bretagne (France), 21-23 de Outubro de 1999.

² Cf. OSÓRIO, 1987: 528.

³ Cf. FERREIRA, 1989: 285.

⁴ Cf. LABAN, 1992: 528.

imaginaries. On the one hand, the Capeverdean island serves as a supra-national allegory while the reverse diasporic journey by the protagonists in *A casa da água* revisits the inverted transatlantic journey following the abolition of slavery in Brazil in 1888.

Keywords: violation, imaginary Capeverdean, Afro-Brazilian imaginary memory, supranational allegory, the magic realism, fantastic trip, Egyptian mythology.

INTRODUÇÃO

Os últimos vinte e cinco⁵ anos da “independência” dos países africanos de língua portuguesa marcam-se pela busca da reconstrução espiritual como estrutural depois de um sem número de anos da escravidão e exploração econômica relativos à dominação colonial. Para além da luta armada que levou à independência nos meados dos anos 70, os escritores africanos de língua portuguesa encontram-se preocupados ainda com a questão da identidade tanto nacional como regional e até certo ponto, internacional. A problemática da globalização e as exigências da (pós)modernidade e da (pós)colonialidade que já geraram muitas controvérsias⁶ continuam no meio da preocupação intelectual, assim como a problemática sócio-econômica, política e cultural da África lusófona. Preocupação essa que se deu devido igualmente à necessidade de sobrevivência tanto do mercado internacional como do cultural. Portanto, por mais que se procure negar a memória cultural e nacional, alguns escritores se esforçam em resgatar essa memória mesmo que por meio de um mecanismo subversivo.

Numerosas são essas obras “subversivas”, inclusive *Lueji* de Pepetela, *Neighbours*⁷ de Lília Momplé, *Ualalapi* de Ungulani Ba Ka Khosa, *Vinte e*

⁵ A Editorial Caminho (Portugal) dedicou uma série especial ao aniversário do 25 de Abril de 1974 (data do golpe do Estado em Portugal e o fim do Salazarismo) em que convidou uma dezena de autores para escrever obra de ficção tendo como tema o 25 de Abril. Desta dezena, contam-se apenas dois escritores africanos, nomeadamente, Germano Almeida (*Dona Pura e os Camaradas de Abril*) e Mia Couto (*Vinte e Zinco*). Se Portugal se preocupa com o simbolismo do 25 de Abril, resta saber o que fizeram os africanos para o aniversário analógico relativo à independência da África do jugo do colonialismo.

⁶ Ver, por exemplo, APPIAH, Kwame Anthony “Is the post-in postmodernism the post-in postcolonial?”, In: Monga, Padmini (ed.). *Contemporary postcolonial theory: a reader*. London: Arnold, 1996, p. 63; SHOAT, Ella. Notes on the post-colonial. *Social Text*, 31-32: 99-113, 1992; e HAMILTON, Russel. *A literatura nos PALOP e a teoria póscolonial*.

⁷ A versão inglesa está atualmente sendo empreendida pela editora inglesa Heinemann, que já traduziu autores como Luandino Vieira, Pepetela, Mia Couto, Luís Bernardo Honwana, entre outros, mas até agora não tem sequer um autor cabo-verdiano por ela traduzido e divulgado.

zinco de Mia Couto e *A eterna paixão* de Abdulai Silai entre outras narrativas pós-coloniais. Mas é em *O eleito do sol* de Arménio Vieira que se encontra o arquétipo da alegoria supranacional e da violação da imaginação. O desafio da reconciliação e reconstrução depois das guerras civis em Angola e Moçambique leva muitos escritores a se apoiarem na mitologia e na subversão da história como um desvio estratégico da norma narratológica e romanesca. O mecanismo contextualmente mais efetivo nos parece a explosão do cinema⁸ luso-africano ou afro-lusófono em que se contam, entre outros, *O testamento do senhor Napumoceno* (Cabo Verde), *Fintar o destino* (Cabo Verde), *Mortu Nega* (Guiné Bissau), *Udju Azul di Yonta* (Guiné Bissau), *O olhar das estrelas* (Moçambique), e *Rostov-Luanda* (Angola). Estes filmes facilitam o entendimento da situação colonial e os desafios da condição pós-moderna. Mesmo violando a imaginação da escrita, torna-se muito difícil ainda negar a memória captada pelo fio cinematográfico.

Embora não seja o nosso intróito primário neste ensaio, a questão da intertextualidade⁹ entre a literatura cabo-verdiana e afro-brasileira já foi assunto de investigação por muitos estudiosos. Os laços mais comuns e muito citados giram em torno da “influência” do regionalismo brasileiro sobre a geração de *Claridade* e também sobre o Neo-Realismo português. Autores como Jorge Amado, José Lins do Rego, Graciliano Ramos e até certo ponto, Guimarães Rosa, são considerados importantes nas literaturas africanas de língua portuguesa. Na mesma linha, autores como Castro Soromenho, António Lobo Antunes, Rui Knopfli, entre outros, encontram-se na fronteira entre o nacional e o supranacional. Em relação a Cabo Verde, sobretudo Manuel Ferreira no seu artigo incisivo “A emergência da intertextualidade afro-brasileira”, faz essa aproximação de uma maneira sucinta:

Entre as duas literaturas, por motivos de índole contextual – a relativa proximidade sociocultural da realidade cabo-verdiana da realidade nordestina

⁸ Ver o catálogo especial da *California Newsreel's Library of African Cinema* de 1999 que capta dez anos do cinema africano lusófono. Nesta coletânea, vale registrar o fato de que não há nenhuma referência ao cinema santomense – índice talvez da ausência de cinema indígena nesta ilha ou do reconhecimento da sua presença.

⁹ Ver por exemplo a proposta do “comparatismo triangular” de Salvato Trigo em *Ensaio de literatura comparada: afro-luso-brasileira* (p. 21-34); “A emergência da intertextualidade afro-brasileira” em *O discurso no percurso africano* (p. 139-186), e a tese de doutoramento de Ramiro Silva Matos Neto intitulada *As influências da literatura brasileira sobre as literaturas africanas de língua portuguesa*, publicada em 1996, 603p., pela EGBA, Salvador, sob o pseudônimo Gramiro de Matos.

brasileira –, existia uma visível semelhança, um certo parentesco temático-linguístico (FERREIRA, 1989: 181).

A escolha de textos de Arménio Vieira e Antônio Olinto motiva-se além deste contexto, embora Olinto esteja traçando a viagem do nordeste do Brasil à costa da África. No entanto, a intertextualidade nas duas narrativas em consideração reside na circularidade da construção narrativa. A viagem fantástica pelo mundo combina com a rebeldia da narração para fornecer ao leitor obras geniais e magistrais de todos os tempos.

Pergunta-se se de fato, ao procurar não violar a memória do passado ou ao procurar resgatar o passado, a memória não é, sem querer, violada. Como diria Michael S. Roth, “the past is necessarily violated in narrative memory and in history writing, and so the very act of remembering can seem like an infidelity” (*The ironist’s cage*, p. 13). Assim sendo, uma certa ambivalência entra em jogo entre o lembrar e o esquecer. A própria escrita ou narrativa, ao captar momentos “lembrados” ou lembranças inventadas e selecionadas, tende mais a negociar a liberdade imaginativa e a ética da fidelidade histórica. A transgressão implícita nessa “negociação” obriga o leitor a pôr sempre em questão os motivos de cada escritor na sua manipulação da memória. Para Michel Foucault, “contra memória” reside na negação/problematização da versão oficial da história em busca constante de versões alternativas (FOUCAULT, 1995: 111-196; DAVIS e STARN, 1989: 1-149).

Quem examina a literatura cabo-verdiana contemporânea dos fins dos anos 80 até hoje, percebe uma tendência inovadora de interpretar e mistificar em vez de retratar a realidade da ilha como tal. Conforme essa orientação pós-modernista está o rumo universal e intertextual em que a narrativa procura não se limitar à problemática nacional, mas sim, parte da mesma para atingir o universal, ou seja, uma aparente fantasia literária passa a ter conseqüências políticas supranacionais. O imaginário da ilha deixa de ser uma verdade exclusiva, mas uma alegoria de várias “verdades” tanto nacionais como também universais. Na mesma linha, a literatura afro-brasileira busca definir a sua identidade dentro da problemática da democracia racial e do jugo do racismo mascarado ou cordial. A similitude que se tem estabelecido entre a literatura cabo-verdiana e a literatura regionalista brasileira, sobretudo em relação à problemática da seca se vê substituída por uma troca de preocupações políticas

e econômicas como a corrupção das elites antes revolucionárias, mas atualmente desiludidas. Este estudo procura situar *O eleito do sol* de Arménio Vieira dentro desta tendência contrastiva e subversiva usando como referência comparativa *A casa da água* do autor brasileiro, Antônio Olinto, em que o mito e a história se confundem com a realidade numa viagem transatlântica invertida.

ARMÉNIO VIEIRA E ANTÔNIO OLINTO: REBELDES PÓS-MODERNISTAS

A aproximação que se faz entre escritores nem sempre se justifica pela vida que eles levaram, mas em termos da semelhança do seu imaginário. No caso de Arménio Vieira, cabo-verdiano, e Antônio Olinto, brasileiro, a semelhança reside não no regionalismo brasileiro, nem no *Modernismo* brasileiro que marcou a primeira geração de *Claridade* cabo-verdiana, mas na autoconsciência da rebeldia narrativa. A irreverência típica da estética modernista capta-se num poema de Vieira, “Toti Cadabra,” dedicado ao longo poema de João Cabral de Melo Neto, *Vida e Morte Severina*, e revela a vida seca de Cabo Verde simbolicamente figurada na personagem de Toti Cadabra: “Toti Cadabra / de vida macabra / já eras cadáver / bem antes da morte. / Bem antes da morte / já eras cadáver / Toti Cadabra / de vida sinistra. / No enterro de Toti / nem padre nem gente / na campa de Toti / nem flor de finado (*50 Poetas Africanos*, p. 282). Esta ilusão intertextual do nordeste brasileiro na obra poética de Arménio Vieira situa o escritor como aliado dos regionalistas e da sua problemática agonizante do meio-ambiente. A fascinação de Vieira pelo nada, pela imagética da prisão, ressoa em outro poema pessimista, “Caviar, champanhe & fantasia,” em que a voz poética sonha com a morte num momento de celebração – o seu aniversário: “Pelo que ficou dito / e pelo que não – / talvez fosse oportuno morrer aqui e agora” (p. 284).

Tal preocupação com o meio árido que influi sobre a consciência poética do poeta nos anos 80 se espalha para além de Cabo Verde e procura se libertar na mitologia egípcia nos anos 90 com a estréia ficcional de *O eleito do sol*.

A preocupação com a mitologia grega não é uma novidade na literatura cabo-verdiana. Sessenta anos antes da publicação da obra magistral de Vieira, *O eleito do sol*, verifica-se na poesia de Manuel Lopes a mesma tendência mistificadora como no poema “Encruzilhada”:

Que disse a Esfinge
aos homens mestiços de cara chupada?
.....
Ilhas de heroísmos e derrotas e esperanças
que a História não escreve
onde a hora é longa
e o dia breve... (*No Reino de Caliban I*, p. 106).

A figura da Esfinge, símbolo da renascença e da esperança, significa para o escritor claridoso o consolo de que Cabo verde renascerá das cinzas da seca, da insularidade e da necessidade evasionista. Esse espírito patriótico, nacionalista e cultural que marcou *Claridade* (anos 30/40) vê-se retomado na geração de *Sêlô* (anos 60) ao qual pertence Arménio Vieira, embora seja de cunho existencial e filosófico. O contexto social em que viveu não será responsável pela fascinação do escritor com a mitologia e a filosofia? Alguns dos seus poemas refletem essa preocupação metafísica como em “Narciso e a estátua de Vênus” e “Sísifo.” Ambos os poemas revelam o absurdo onde Narciso tem quatro olhos “em vez de dois”, e Sísifo tem “olhos tristes”. A vida que levou Arménio Vieira sempre foi aflitiva, tendo sido preso pela PIDE, numa constante fuga e regresso à sua cidade natal, Praia, onde continua exercendo a profissão de jornalista.

Enquanto Arménio encontra sua estética na mitologia grega e egípcia, é na mitologia e religião africana (*candomblé*) que Olinto mergulha, recebendo e dando *axés* (bençãos) aos *Orixás* (deuses africanos no Brasil). Poeta, jornalista, adido cultural das embaixadas brasileiras em Lagos e Londres; premiado em 1994 com o Prémio Machado de Assis da Academia Brasileira de Letras e eleito membro da mesma em 1997, Olinto representa mais do que um intérprete da cultura afro-brasileira. Com *A casa da água*, Olinto capta a memória histórica e cultural dos descendentes africanos no Brasil que voltaram à África depois da abolição da escravidão. Nesse sentido, Arménio Vieira e António Olinto são rebeldes e inovadores. Procurar além das fronteiras nacionais, o que há de “nacional” e procurar no nacional o que há de “transnacional” retoma uma das propostas pós-modernistas. Embora seja problemático o propósito recuperativo através de rumos novos, não tradicionais, e transcendentais, já que sugere uma certa fuga dos problemas reais e concretos, o realismo mágico que ambos os escritores empregam para explicar situações

políticas pode servir como proposta reconciliadora em que o diálogo leva às novas revelações.

CONTRA-MEMÓRIA: SUBSÍDIOS PARA UMA TEORIA

A memória é elemento fundamental na ação de documentar a realidade imediata e histórica. Assim sendo, a tentativa de captar a mesma realidade por outros meios leva ou a uma falsificação propositada dos fatos ou até a recriação da realidade pela violação da imaginação. Em *Writing history as a prophet* de Elisabeth Wesseling, propõe-se a “conjetura contra-fatual histórica” (p. 157) como uma estratégia narrativa em que a histórica oficial é subvertida pela fragmentação, permitindo muitas possibilidades de relatar a mesma “verdade.” Ou seja, não se pode falar numa verdade única e sim em muitas verdades. Nesse sentido a subversão da história oficial ou canônica passa a ter uma finalidade paródica que se pode chamar de “ordem utópica alternativa” (p. 156) à la Bakhtin.

Verificam-se essas “histórias alternativas” que procuram subverter tanto a memória pela imaginação como a história pela fragmentação em *O eleito do sol* do cabo-verdiano Arménio Vieira e *A casa da água* do brasileiro Antônio Olinto. As duas obras servem de alegoria supranacional para uma reinterpretação da realidade nacional. No caso d’*O eleito do sol*, trata-se da realidade intracontinental, quer dizer, Cabo Verde em relação ao Egito e no caso d’*A casa de água*, trata-se da realidade intercontinental, quer dizer, Brasil em relação à África ou mais especificamente, à Nigéria. Nas duas obras verificam-se igualmente o motivo heróico da parte dos protagonistas e narradores.

O ELEITO DO SOL: UMA VIOLAÇÃO DO IMAGINÁRIO

Se *Hora di bai* (com base na seca de 1943), de Manuel Ferreira já foi qualificado como romance de “típica síntese caboverdeana” (CANIATO, 1989: 207-212) em que o discurso gira em torno da história “objetiva,” temos em *O eleito do sol* outra perspectiva e tendência dos anos 90 que se pode denominar de uma típica síntese pós-modernista caboverdeana em que a história é invertida e fragmentada. Nesta nova síntese, o discurso gira em torno de uma aventura fantástica de um escriba egípcio que tem como tarefa contar sua própria

história. Na epígrafe que abre a novela, Arménio Vieira, o autor, diz: “Inúmeros serão os teus trabalhos. Para que não enlouqueças, nós, deuses imortais, ofertamos-te a imaginação e o riso” (p. 7). Nesta advertência, o autor alerta o leitor para o cunho profético da obra. Em outras palavras, e como o “prólogo” também avisa, trata-se de uma história antiga, de há cinco mil anos, em que o escriba se tornou “faraó através de um sonho” (p. 9). Estes elementos de sonho, de profecia e de imaginação combinam para situar o leitor no nível de violação da memória e da imaginação.

O eleito do sol redefine o realismo mágico no sentido rigoroso do termo. O sobrenatural se mistura com a fantasia numa viagem do estilo de ‘ritos de passagem’ em que o herói – o escriba egípcio e narrador, enfrenta muitos desafios, ultrapassa-os com um espírito guerreiro, se descobre, e enfim, acaba se transformando em faraó, ou seja, um rei do antigo Egito. O humor às vezes tenta suavizar a meta ridicularizante da trama fragmentada. Pergunta-se o que essa aventura tem a ver com a realidade cabo-verdiana contemporânea. Em nível alegórico supranacional, *O eleito do sol* pode ser considerado como uma fuga política à realidade cabo-verdiana como meio de atacar parodicamente as infra-estruturas políticas num diálogo disfarçado entre os poderosos no poder e os intelectuais que possuem o poder da palavra e da imaginação. Como observa Manuel Veiga:

Para Arménio Vieira, os tempos são outros e a literatura também tem que ser outra. A temática do terra-longismo, da mãe-terra, da chuva-madrasta e braba, do mar-prisão-liberdade, da seca malfadada, da fome-ingrata e da “lei” que manda fincar os pés no chão, já teve o seu tempo. Muito mais do que as dez ilhas ou parte de um continente, Cabo Verde, hoje, está e faz parte do universo (VEIGA, 1998-A: 193).

Aqui se insere resumida e dialeticamente, as constantes polêmicas que separam a obra de Vieira das preocupações anteriores,¹⁰ abrindo caminho para novas possibilidades da prosa de ficção cabo-verdiana.

A moderna ficção cabo-verdiana até o fim dos anos 70 preocupou-se com a visão fatalista da cabo-verdianidade que se verifica nos exemplos de

¹⁰ Para uma elaboração mais detalhada dessas preocupações, ver “Panorama da literatura cabo-verdiana”. *Vértice* 55 (1993: 25-32) de Arnaldo França e “Cape Verde”. *The postcolonial literature of Lusophone Africa* [179-233] de David Brookshaw.

Manuel Lopes (*O galo que cantou na baía*, 1959), Baltazar Lopes (*Chiquinho*, 1947) Manuel Lopes (*Os Flagelados do vento leste*, 1960), Manuel Ferreira (*Hora di bai*, 1962), Luís Romano (*Famintos*, 1962), Teixeira de Souza (*Ilhéu de contenda*, 1975), Orlanda Amarilis (*Cães-do-Sodré té Salamansa*, 1974) e Gabriel Mariano (*Vida e morte de João Cabafume*, 1977) entre outros. Com os anos 80, começa o que se pode chamar de “onda pós-modernista” e estética universal em que Cabo Verde se integra ao mundo “lá fora” sem se limitar apenas à problemática insular, a saber, a seca e a emigração. A visão estética e estilística como a depuração da linguagem, a multiplicidade de vozes e o uso da paródia como nos exemplos de Germano Almeida (*O testamento do sr. Napumoceno da Silva Araújo*, 1988), António Aurélio Gonçalves (*Noite de vento*, 1998) e Arménio Vieira (*O eleito do sol*, 1992) consagra a literatura cabo-verdiana dentro da problematização da “verdade” através do humor e do engajamento universal. O risco dessa tendência reside na falsificação ou “violação” da história por metas puramente estéticas. Seria interessante ver o impacto dessas novas direções daqui a cinquenta anos no sentido de poder avaliar a memória coletiva em relação à sua negação e subversão.

N’*O eleito do sol*, há todo um ambiente de magia e de mito ao correr das aventuras do escriba egípcio cuja identidade passa a ser um elemento primordial para a sua função honrosa de contador de histórias do antigo Egito. É curioso o fato de Arménio Vieira, um cabo-verdiano, escolher o Egito antigo e não a ancestralidade cabo-verdiana que se pode captar na oralidade e no crioulisto. Sem dúvida, a escolha tem a ver com a busca das origens que não se encontram em Cabo Verde, já que a maioria da população mestiça conta-se como portugueses que acabam emigrando a Portugal. Por isso é que ao escriba foi concedido um prazo de cinco dias para descobrir a sua própria identidade já que no Egito sagrado não se pode ter dúvida, “ou há certezas ou não há” (p. 16). Fazendo uma viagem à grande pirâmide para falar com a Esfinge, ele descobre sua identidade, mas acaba vencendo assim a Esfinge que se transforma numa estátua de pedra. A conversa entre os dois revela toda uma troca de sabedoria e de truques em busca da identidade do escriba:

– Sábia das sábias, filha diletta do divino Amon, diz-me se sou neto daquele que proveio da grande árvore nascida da cabeça do divino Toth e que nas terras sagradas do Egito é o segundo em grandeza e poder...

– Adivinhaste, e com isso eu fiquei arrumada. Tanto pior para Amenófis. Grandes coisas vais tu realizar, és a reencarnação daquele herói cujo nome não ousa pronunciar.

– Sou prodígio destes tempos, eis a conclusão – disse o escriba em voz muito alta, embora falasse agora consigo mesmo.

Quando olhou para a Esfinge, viu que ela se convertera numa estátua de pedra (VIEIRA, 1992: 18).

Apesar desta aparente certeza, ao conversar com o faraó, este sentiu dúvidas na descoberta do escriba e foi novamente concedido outro prazo de trinta dias para descobrir sua identidade sem dúvidas.

O fenômeno da verdade absoluta que explora Vieira pode ser relacionado à teoria da contra-memória. Na mitologia egípcia, entende-se que “a verdade, para que ganhe a consistência de uma certeza absoluta, tem de apresentar duas faces igualmente claras” (p. 23). Vieira, de fato, não está à procura da verdade absoluta da realidade cabo-verdiana, mas verdades múltiplas. É por isso que esse elemento de dúvida percorre a narrativa como um todo. Trata-se de uma estratégia questionar a realidade histórica como meio de dialogar com a história oficial e transgredir os seus limites.

Outro episódio fantástico tem a ver com a doença da mulher do governador Ramósis em que o escriba passa a ser o médico indicado para curá-la. A própria doença, resultado da mordedura da mulher de Ramósis por um rato do Nilo, é estranha. Chamar um escriba, que não tem diploma de médico para curar a mulher do governador é pura fantasia. Para consultar o divino Toth, o único com a receita de cura, exige-se dois gatos – um preto, o outro branco –, um fogão, uma cadeira de três pés, uma faca de esfolar coelhos, uma botija com “Água sagrada do Nilo” e o décimo terceiro tomo do Livro de Toth. Esta oferenda ao divino Toth é tão mágica e fantástica como a cura, sugerida pelo divino Toth. Aqui está a receita da cura:

– Dá três beijos à referida senhora – um na boca, outro no pé esquerdo e o terceiro num sítio à tua escolha, que febre lhe passa logo (VIEIRA, 1992: 50).

Apesar de o governador Ramósis hesitar, a maior vontade dele era curar a sua mulher. Ao cumprir a tarefa dos beijos, o escriba egípcio descobre algo espantoso: a mulher de Ramósis havia mudado de sexo. Na sua perplexidade, o escriba confessa:

Nunca imaginei que a veneranda esposa do respeitável Ramósis fosse alguém do meu sexo... Confesso-me perplexo e decepcionado... em última análise, tudo o que existe, aqui como em qualquer outro ponto do Universo, tanto pode ser realidade como pura fantasmagoria (VIEIRA, 1992: 58).

Enfim, o escriba cumpre a receita do divino Toth, dando o terceiro beijo na “marca de Adão” da esposa do Ramósis e assim curando-a. Um tal episódio fantástico, tanto erótico como mágico revela a problemática da relação de poder entre o governador Ramósis e o escriba. Apesar do seu poder, o governador se encontra numa situação de “sem-poder” já que depende do escriba para curar a sua esposa. Contextualizando este episódio dentro da realidade cabo-verdiana contemporânea, Vieira ridiculariza o poder político, retratando o intelectual como a salvação e o poder maior nesse jogo de poderoso e “sem poder”. Vieira não só humoriza os poderosos pela caricatura e pela irreverência. O leitor lida com um afastamento do autor do modelo canônico em que se fala de temas como a seca, a emigração, saudades e a insularidade entre outras problemáticas de Cabo Verde.

A originalidade de Vieira está na capacidade de fugir da realidade imediata e histórica de Cabo Verde, usando a história universal e fantástica para invocar e problematizar a realidade cabo-verdiana. As aventuras do escriba, da descoberta da sua identidade, da cura da esposa do governador Ramósis, da explicação dos unicórnios e bicórnios a Ramósis, sua liderança da grande rebelião, até a sua ascensão a faraó, se traduzem numa violação da linearidade e da trama tradicional. O que se pode extrapolar desta trama fragmentada e fantástica é a metáfora do sol e do ser eleito como o título sugere. O sol simboliza os deuses e a universalidade enquanto o “eleito” é o intelectual cabo-verdiano. Assim sendo, o intelectual cabo-verdiano passa a ser o eleito dos deuses e não os políticos corruptos e medíocres.

A CASA DA ÁGUA: UMA ALEGORIA DA VIAGEM FANTÁSTICA

Enquanto *O eleito do sol* apóia-se na mitologia egípcia, manipulando e contrapondo a figura dos reis antigos com a figura do escriba que se transformou em Faraó para representar a realidade cabo-verdiana, *A casa da água* de Antônio Olinto, reconstrói a saga de uma família afro-brasileira da Bahia que voltou à Nigéria depois da abolição da escravidão no Brasil. É uma história

quase “épica” que cobre quatro gerações numa aventura de ‘volta alegre à terra mãe’. A dimensão mitológica do romance é resumida por Gabriel Perouse quando diz que “Eis o romance que é uma epopéia e, na multiplicidade de seus episódios e de seus personagens, lembra a catalogação de heróis feita por Homero” (*A casa da água*, p. 8). Narrada do ponto de vista de Mariana, a neta da avó Catarina que fundou a casa de água ao chegar à Nigéria e tornou-se uma comerciante bem sucedida.

A história começa em 1880 quando a avó Catarina, levada ao Brasil como escrava durante sua adolescência em Abeokuta (na Nigéria), e depois emancipada no Brasil, decidiu voltar à Nigéria. Ao chegar a Lagos, a então capital da Nigéria, Mariana passa a ser a heroína da história e da família. De seus esforços para obter uma boa educação e fazer negócios surgiu-lhe a idéia de abrir um poço para tirar água já que havia escassez da água, e daí o título da obra. Além da história da Mariana, da documentação genealógica da sua família, o motivo da viagem fantástica percorre a obra. O romance está dividido em quatro partes. A primeira retrata a viagem do Brasil à Nigéria, a segunda focaliza a vida conjugal e maternal de Mariana, a terceira relata o comercialismo da casa enquanto a quarta acompanha a política de Sebastian, filho de Mariana e sua ascensão à presidência da república imaginária de Zorei.

Apesar da euforia da libertação no Brasil, a família de Mariana chegou a Lagos em plena era colonial em que os ingleses tinham total controle e o país na altura era chamado “Protetorado” britânico. Esta mudança de um local de libertação para outro de proteção colonial é meio irônica embora tivesse uma meta espiritual para a família. Mesmo assim, a crise de identidade faz parte dos desafios da família como num episódio em que Mariana, ainda adolescente pergunta para a sua mãe se eles eram brasileiros ou africanos. A resposta foi: “As duas coisas, minha filha” (OLINTO, 1999: 86), sugerindo assim uma identidade híbrida de ser afro-brasileira. Outro momento foi quando avó Catarina protestou seu nome e se lembrou do nome africano que tinha antes de ser escravizada:

– Meu nome é Ainá.

– Como, mamãe?

– Ainá. Sempre me chamei Ainá. No Brasil é que trocaram meu nome, fiquei sendo Catarina, mas tenho nome: meu nome é Ainá...

Puxou a mão de Mariana, que estava perto, e continuou:

– Devia ser proibido trocar os nomes das pessoas. Meu nome é Ainá (OLINTO, 1999: 88).

Em vez do esquecimento ideal que se exige para se livrar da lembrança horrorosa do passado escravagista no Brasil, a avó transformou a experiência e uma parte da memória numa crítica contra a mudança de nomes. De fato, o nomear é um aspecto muito importante na cultura ioruba e africana por extensão. Perder seu nome é perder suas raízes, sua identidade. Em vez de violar a imaginação da avó Catarina, parece que a escravidão e a libertação cutucaram a memória dela. A memória é o que levou Mariana a pensar em abrir um poço como no Brasil onde servia de fonte de água na roça. Embora todos desconfiassem da vontade de Mariana, acabaram concordando com ela e até emprestaram dinheiro para ela realizar o projeto, que passou a ser conhecido como “A casa da água”.

Quando nasceu Sebastian, o filho de Mariana que vai ser presidente da república anos depois, a cerimônia do nome lembra a cultura ioruba como se a família estivesse bem integrada na sociedade nigeriana nesta altura, em 1910, trinta anos depois de sair do Brasil. Seu Justino, o mais velho, fez a cerimônia, usando uma bacia de água e três de sal, mel e azeite de dendê respectivamente:

Seu Justino pegou no menino... pôs um dedo na água, molhou com ela os lábios de Sebastian dizendo:

– A água é a base de tudo, é a coisa mais importante do mundo, que a vida do menino seja calma e serena como água...

– O sal limpa as coisas, que o menino seja limpo e justo...

– O mel adoça a vida. Que o menino tenha uma vida cheia de doçura e de alegria...

– O óleo da palmeira é sinal do que comemos. Que durante toda a sua vida o menino tenha sempre o que comer e que nisto sinta alegria...

– Tu és Sebastian (OLINTO, 1999: 165).

Esta cerimônia é muito significativa porque assegura o futuro da criança pelo menos do ponto de vista da crença ioruba.

O crescimento de Sebastian foi rápido, adquirindo uma educação burguesa em França para depois voltar para a república de Zorei onde foi eleito presidente. Com uma educação européia, Sebastian parece representar a famí-

lia afro-brasileira que se integrou na vida e cultura ioruba, mas uma elite que já adquiriu o discurso demagógico típico dos líderes e políticos africanos da era pós-independência. Segundo Sebastian:

A independência dá uma euforia na gente. É legítimo que assim seja. É legítimo e bom. Mas é também perigoso. Nossa tendência é imaginarmos que, com isso, todos os problemas estão automaticamente resolvidos. Ficamos independentes e é como se um poder do céu resolvesse tudo... Ora, sabemos que isso não vai acontecer. Ao contrário, com a independência nossos problemas serão aumentados... Precisamos, por isto, chegar a um estado de consciência, temos de compreender que a data da independência foi apenas o começo da luta verdadeira da independência (OLINTO, 1999: 349-350).

Apesar da sua dedicação e boa-vontade, Sebastian, o presidente da república de Zorei foi logo assassinado e assim termina o romance num tom pessimista e decepcionador. Neste sentido, a fantástica República do Zorei serve como um microcosmo da realidade africana pós-colonial e por extensão da realidade afro-brasileira pós-escravagista. Sebastian de fato tem razão, a desilusão que segue a independência como a escravidão sempre leva ao sentimento de busca permanente que às vezes, se projeta como rebeldia da parte dos jovens, ou em certos casos, em golpes de estado que também não resolvem. O ar do pessimismo (distopia) no otimismo (utopia) continua sendo uma faca de dois gumes.

ALEGORIA (SUPRA)NACIONAL NAS DUAS NARRATIVAS

O eleito do sol e *A casa da água* como estruturas alegóricas supranacionais levam a conclusões diferentes embora de cunho mitológico-fantástico semelhante. No caso de *O eleito do sol*, a fantasia serve de uma viagem necessária para um escriba descobrir as falhas dos poderosos na sociedade cabo-verdiana enquanto n' *A casa da água* enfrenta-se a desilusão não só de uma família afro-brasileira, mas africana na sua viagem fantástica de reintegração no país natal. A temática insular que definia a realidade cabo-verdiana se vê subvertida pela universalidade da mitologia egípcia do mesmo jeito que a temática de libertação se vê problematizada numa realidade pós-escravatura e pós-independência.

Ambos, Arménio Vieira e Antônio Olinto, violaram a imaginação e trabalharam os seus textos como alegorias que fogem das memórias do presente e do passado para se consolar no realismo mágico de cunho evasivo e contraditório. Talvez a riqueza da renovação resida mesmo na sua própria contradição. Enquanto n' *O eleito do sol*, Vieira desafia o leitor para desmontar toda uma narrativa onde não há nem uma referência a Cabo Verde nem uma especificidade temporal, n' *A casa da água*, Olinto se refugia na nomeação e não no anonimato. Em enumerar os nomes próprios de lugares e de personagens como da especificidade de datas de viagens, a credulidade, lógica e dúvida se vêem aumentadas. As duas narrativas deixam abertas possibilidades múltiplas e enriquecedoras de leitura.

Os vinte e cinco anos da independência nos países africanos de língua portuguesa como os cem anos da abolição no Brasil exigem uma avaliação crítica da natureza das coisas. Não deixa de ser lamentável por um lado, o legado da decadência europeia herdada pela nova ordem dirigente em África tais como o nível precário do (an)alfabetismo, a corrupção contagiosa em que se mergulham os dirigentes africanos e (afro)brasileiros. É mais lamentável ainda por outro lado, que a memória sirva apenas como um mecanismo "político" de desvio e de evasão. A violação da memória e da imaginação teria tantas possibilidades de enriquecer o patrimônio cultural e histórico se não fosse manipulada por interesses políticos e egoístas. A realização de Arménio Vieira n' *O eleito do sol* abre caminho para novos rumos pós-coloniais da cultura cabo-verdiana, aproveitando a teoria foucaultiana do poder-saber (faraó vs. escriba) como alegoria para provocar um diálogo entre os intelectuais e os políticos corruptos. Na mesma linha, *A casa da água* de Antônio Olinto aproxima o Brasil e a África através de mitologia, história, e memória, sinalizando maiores expectativas do imaginário afro-brasileiro como na obra recente e provocativa de Paulo Lins, *Cidade de Deus*. Ao traçar o imaginário além das fronteiras nacionais, não deve se esquecer do poder da memória cultural e coletiva que, muitas vezes, corre o risco de se perder por detrás das alegorias que passam a ser mentiras verdadeiras.

Resumo: Apoiando-se em *Writing history as a prophet*, de Elisabeth Wesseling, este trabalho faz um estudo comparativo das similaridades e contrastes dos imaginários cabo-verdiano e afro-brasileiro através de *O eleito do sol*, de Arménio Vieira e *A casa da água*, de Antonio

Olinto. De um lado, a ilha cabo-verdiana serve de alegoria supranacional no engajamento mítico-filosófico entre o intelectual e o político e do outro lado, a viagem transatlântica dos protagonistas de *A casa da água* é uma diáspora invertida na procura das raízes deixadas em África pelos escravos após a abolição em 1888.

Palavras-chave: violação, imaginário cabo-verdiano, memória, imaginário afro-brasileiro, contra-memória, viagem transatlântica, alegoria supranacional, realismo mágico, viagem fantástica, mitologia egípcia.

BIBLIOGRAFIA

AMOSU, Tundonu A. The Jaded heritage: Nigeria's Brazilian connection. *África: Revista do Centro de Estudos Africanos*, São Paulo: CEA-USP, 10:43-51, 1987.

BOUCHARD, Donald F. *Language, counter-memory, practice: selected essays and interviews* by Michel Foucault. New York: Cornell University, 1977.

CANIATO, Benilde J. L. *Hora di bai: típica síntese caboverdiana*. Les littératures africaines de langue portugaise. Paris: Fondation Calouste Gulbenkian/Centre Culturel Portugais, 1989, p. 207-212.

CHABAL, Patrick et al. *The post-colonial literature of Lusophone Africa*. London: Hurst & Co., 1996.

DAVIS, Natalie Zemon; STARN, Randolph (ed.). *Representations*, 26:1-149, 1989.

FERREIRA, Manuel (Org.). *No Reino de Caliban I*. Lisboa: Plátano Editora, 1988.

FERREIRA, Manuel. 'Arménio Vieira'. In: *50 Poetas Africanos*. Lisboa: Plátano Editora, 1989, p. 279-285.

_____. A emergência da intertextualidade afro-brasileira. In: *O discurso no percurso africano I*. Lisboa: Plátano, 1989, p. 139-186.

FOUCAULT, Michel. Counter-memory: the philosophy of difference. In: BOUCHARD, Donald F. (ed.). *Language, counter-memory, practice*. New York: Cornell University Press, 1995, p. 111-196.

FRANÇA, Arnaldo. Panorama da literatura cabo-verdiana. *Vértice*, 55:25-32, 1993.

HAMILTON, Russell. A literatura nos PALOP e a teoria pós-colonial. *Via Atlântica*, 3:12-22, 1999.

LABAN, Michel. Org. Encontro com Arménio Vieira. In: *Cabo Verde: encontro com escritores*. Vol. 2. Porto: Fundação Eng. António de Almeida, 1992.

MARIANO, Gabriel. *Cultura caboverdiana: Ensaios*. Lisboa: Vega, 1991.

MATA, Inocência. *A condição pós-colonial das literaturas africanas de língua portuguesa: algumas diferenças e convergência e muitos lugares-comuns*. (Texto não publicado

apresentado na Conferência Internacional, “A Língua Portuguesa no Virar do Milênio- Encontro com José Saramago,” Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1 e 2 de Junho de 2000). 26 páginas.

MEDINA, Cremilda de Araújo (Org.). ‘Arménio Vieira’. In: *Sonha Mamana África*. São Paulo: Epopéia/Secretaria do Estado da Cultura, 1987, p. 527-540.

NETO, Ramiro Silva M. *Influências da literatura brasileira sobre as literaturas africanas de língua portuguesa*. Tese de doutoramento, Universidade de Lisboa, 1982.

OLINTO, Antônio. *A casa da água*. 5ª. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999 [1969].

OSÓRIO, Oswaldo. *Sonha Mamana África*. São Paulo: Edições Epopéia, 1987.

ROTH, Michael S. *The ironist’s cage: memory, trauma, and the construction of history*. New York: Columbia University Press, 1995.

TRIGO, Salvato. *Ensaio de literatura comparada afro-luso-brasileira*. Lisboa: Vega, s/d.

VEIGA, Manuel (Org.). *Cabo Verde: insularidade e literatura*. Paris: Éditions Karthala, 1998.

_____. “Alegoria do poder e do saber” em *O eleito do sol*, de Arménio Vieira; *Cabo Verde: insularidade e literatura*. Paris: Karthala, 1998-A, p. 193-198.

VIEIRA, Arménio. *O eleito do sol*. Lisboa: Vega, 1992.

WESSELING, Elisabeth. *Writing history as a prophet*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Co., 1991.